

## O UNO E A DÍADE DE PLATÃO SEGUNDO GIOVANNI REALE

Douglas da Silva Silveira<sup>1</sup>  
Edimar Brígido<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo trata de uma compreensão e análise do Uno e da Díade, na relação com o múltiplo, a partir das “Doutrinas não escritas”, de Platão, tendo como base os apontamentos efetuados por Giovanni Reale. Reale fundamenta as “Doutrinas não escritas” de Platão analogamente ao que Thomas Kuhn faz a respeito dos novos paradigmas dentro dos processos científicos revolucionários. A importância das “Doutrinas não escritas” brota das investigativas contribuições da Escola de Tübingem da qual Reale se baseia totalmente. O artigo segue uma lógica descritiva e explicativa, com intuito de analisar o Uno e a Díade de Platão que só encontra sentido e veracidade pela tradição oral e indireta. Esses conceitos são analisados entre si, mas servem para responder as questões da unidade na multiplicidade dos entes, tanto sensíveis como inteligíveis. Sendo assim, chega-se a clareza do Uno e da Díade como primeiros princípios geradores de todas as coisas cósmicas e metafísicas. E sem o qual não se poderia chegar ao cume da filosofia de Platão e a fundamentação do pensamento neoplatônico.

**Palavras-chave:** Doutrinas não escritas, Novo Paradigma, Uno, Díade, Múltiplo.

**ZUSAMMENFASSUNG:** Dieser Artikel befasst sich mit dem Verstehen und der Analyse der Begriffe des Ein und der Dyade im Bezug auf Vielfalt mit dem Ausgangspunkt der “nicht geschriebenen Lehren” von Platon basiert auf den Hinweisen von Giovanni Reale. Reale basiert sich “die nicht geschriebene Lehre” von Platon ähnlich wie Thomas Kuhn im Bezug auf die neuen Paradigmas innerhalb Revolutionärenwissenschaftlicher Prozess. Das Gewicht dieser “nicht geschriebenen Lehren” bekommen hat, hat ihren Ursprung in dem Beitrag von Tübingenschule und Real verdankt sich völlig dieser Schule. Dieser Artikel befolgt eine deskriptive e explikative Logik mit Intuition in der Analyse des Ein und der Dyade von Platon, die nur ihrem Sinn und Wahrhaftigkeit indirekt und in mündlicher Überlieferung finden. Diese Begriffe sind analysiert zwischeneinander, aber dient dazu, die Fragen der Einheit und Vielfalt das Wesen sowohl sinnlich als auch intellektuell zu beantworten. Auf diese Weise kommt zur Klarheit des Ein und der Dyade wie Grundprinzipien der Ursprung alles, das Universum und Metaphysik betrifft. Es ist nicht möglich den Höhenpunkt der Philosophie von Platon und die Grundlage des neoplatonischen Denkens zu erreichen, ohne den Begriff Ein und Dyade.

**Schlüsselwörter:** Die nicht-geschriebenen Lehren, Neuer Paradigma, Ein, Dyade, Vielfalt.

<sup>1</sup> Acadêmico do 2º ano do curso de bacharelado em Filosofia da Faculdade Vicentina – FAVI

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia. Professor da Faculdade Vicentina e UNICURITIBA.

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresentará uma nova interpretação de Platão, segundo Giovanni Reale, que se apropriando das análises feitas pela Escola de Tübingem, “compendiou” a metafísica de Platão a luz das “Doutrinas não escritas”. Tendo como base a teoria de Thomas Kuhn a respeito do surgimento de novos paradigmas, este artigo tem por finalidade estruturar os princípios supremos, do Uno e da Díade, adquiridos pela tradição indireta dos discípulos de Platão.

Platão, amante da verdade, repassa seu ensinamento mais puro, restritamente, à sua Academia que, tendo um preparo matemático-filosófico, tem a capacidade de “escrever na alma” os princípios últimos na explicação da unidade na multiplicidade das coisas. Sem essa teoria platônica, o pensamento de muitos filósofos precedentes estaria incompleto e sem uma fundamentação teórica. Sendo assim, a análise sobre o Uno e a Díade de Platão, na sua individualidade e relação, é indispensável para compreender tanto o pensamento unificador do seu mentor, como os pensamentos subsequentes.

### 1. O PENSAMENTO DE PLATÃO NA PERSPECTIVA DE GIOVANNI REALE

Giovanni Reale parte de uma nova perspectiva a respeito da filosofia de Platão, rompendo com os recursos tradicionais e ilusórios que tendem a reduzir todo o pensamento do filósofo grego, de uma vez por todas, eternizadas em seus escritos. Prova disso é a fala de Platão no *Fedro*, quando afirma que não achou oportuno consignar nos escritos tudo o que pensou, e particularmente “as coisas de melhor valor”. Então, o escrito de Platão não contém todos os ensinamentos dedicados aos seus discípulos, ou ainda, as coisas mais importantes. E quem pode afirmar, com exatidão, são os próprios alunos de Platão que trataram sobre os seus ensinamentos reservados somente ao discurso dialético, e não o escrito, como “Doutrinas não escritas” (REALE, 1997, p. 3 e 4).

Desse tema nasce uma problemática que na história muitos tentaram resolver. Quiseram, pois, compendiar Platão. Diante dos escritos, sendo a maioria deles em forma de diálogo, tentaram sistematizar Platão, mas, na realidade, o mesmo não se apresenta desta forma. Leibniz, na Carta a Rémond, na obra *Escritos Filosóficos*, diz: “Se alguém reduzisse Platão a um sistema, prestaria um grande serviço ao gênero humano”.

Diante dessas dificuldades apresentadas, para encontrar respostas, compreender textos e avaliar teorias, segundo uma ótica correta dos estudos platônicos que revolucionam os estudos tradicionais, Reale fundamenta seu estudo nas teorias de Thomas Kuhn que apresenta soluções a esses problemas epistemológicos (REALE, 1997, p. 5). Na obra *A estrutura das revoluções científicas*, Kuhn oferece teses que ajudam a resolver as problemáticas do pensamento platônico:

A resposta de Kuhn é decisiva e inovadora: *a ciência não se desenvolve segundo acréscimos sistemáticos e segundo acumulações orgânicas, mas segundo diferentes linhas de desenvolvimento, que se centram em torno aos eixos constituídos pelas verdadeiras “revoluções científicas”*. Portanto, o progresso das ciências não ocorre segundo processos de acréscimo, mas segundo processos revolucionários. (REALE, 1997, p. 6)

A citação de Thomas Kuhn, para Giovanni Reale, auxilia no método dos estudos platônicos, pois deixando de lado os acréscimos oferecidos ao longo da história do pensamento de Platão, Reale revoluciona o modo de pensar em Platão e com isso, gera-se uma nova interpretação do mesmo. Um dos pontos principais para se chegar à revolução de uma teoria já existente, Kuhn chama de “crise”. Thomas Kuhn defende que quando um paradigma não consegue mais responder as complexidades de uma teoria, este paradigma entra em estado de crise, fazendo-se necessária a busca por respostas em outros âmbitos até ao ponto de se consolidar um novo paradigma (KUHN, 1998, p. 110).

Giovanni Reale, parafraseando Thomas Kuhn, expõe que cada paradigma é situado com o seu período histórico, na relação da realidade de cada grupo histórico, com alcances e soluções de cada tempo. Na escassez de respostas, gera-se uma tensão na comunidade científica e se percebe a necessidade de criar novos paradigmas que não fazem excluir as respostas já alcançadas historicamente, mas é criado um novo ponto de investigação. Assim, Reale utiliza de maneira análoga as conclusões de Kuhn para fundamentar a necessidade de se estudar Platão através de novos paradigmas (REALE, 1997, p. 7). Eis uma citação de Reale sobre a fecundidade do novo paradigma.

A fecundidade do novo paradigma consiste na sua capacidade de demonstrar como o “não escrito” pode ser capaz de trazer um grande “socorro” para os pontos chaves dos grandes diálogos, que permaneceram por muito tempo obscuros ou muito problemáticos. (REALE, 1997, p. 53)

Giovanni Reale escreve que a maneira tradicional de pensar em Platão, pelos seus escritos, está cada vez mais esgotada e necessita-se de uma revolução sobre o modo como pensamos Platão. Quando somente debruçamos entender o filósofo grego pelos seus escritos, encontram-se muitas fendas que foram deixadas abertas, mas que ele mesmo alega ter resolvido dialeticamente a Academia. Aristóteles, na *Física* e *Metafísica*, relata sobre as “Doutrinas não escritas” que eram as palavras usadas pelo mestre da Academia quando falava de uma teoria que não deveria ser escrita.

## 2. AS “DOUTRINAS NÃO ESCRITAS” E SUA EFICÁCIA NO PENSAMENTO PLATÔNICO

84 A grande importância das “Doutrinas não escritas” é dedicada à escola de Tübingen, na Alemanha, com pioneiros como Hans Krämer, K. Gaiser e Thomas A. Szlezak, mas que não serão contemplados diretamente neste artigo. A partir disto, também, Giovanni Reale finda a obra *Para uma nova interpretação de Platão* que já se tornou um clássico nesse assunto. Eis uma citação de um pensador mais recente a respeito dos testemunhos encontrados sobre as “Doutrinas não escritas” mais próximos à Platão.

Os principais testemunhos referentes a esta doutrina devem-se, como dito, a Aristóteles (sobretudo na *Metafísica*, particularmente os livros I, XIII e XIV), os acadêmicos contemporâneos dele (como Hermodoro) e a seus discípulos e comentadores (Teofrasto, Aristóxeno, Alexandre de Afrodísia, Simplicio), bem como o filósofo neocético Sexto Empírico (um longo passo extraído da obra *Contra os matemáticos*). (TRABATTONI, 2003, p. 71)

Outro pensador que também traz a problemática das interpretações platônicas é H. G. Gadamer. Ele afirma a complexidade e obscura relação entre as doutrinas dos diálogos e as “Doutrinas não escritas” comunicada somente pela oralidade dialética e que chega até nós por meio dos discípulos do filósofo grego (REALE, 1997, p. 24). Encontramos vários relatos sobre as consequências negativas carregadas por uma teoria quando é escrita. O livro do *Fedro* diz que o verdadeiro filósofo, quando fala das coisas de “maior valor” as reserva, exclusivamente à oralidade. Conseqüentemente, os “autotestemunhos” de Platão e bem como os testemunhos dos seus discípulos se impõe

como ponto de referência essencial e irrenunciável para compreender Platão (REALE, 1997, p. 55).

Aquela passagem da Física constitui o principal testemunho sobre as possíveis doutrinas que Platão expusera apenas oralmente e das quais, por isso mesmo, não existem quaisquer correspondentes textuais nos Diálogos. [...] Aristóteles acrescenta que Platão teria dito algo diferente 'nas chamadas doutrinas não-escritas' (ἐν τοῖς λεγομένοις ἀγραφοῖς δόγμασιν). (LOPES; CORNELLI, 2016, p.263)

Reale apresenta os vários defeitos que a escrita pode trazer a respeito de uma teoria. Esta, antes, deve ser impregnada na alma e somente através da oralidade pode-se atingir isso. A escrita não aumenta nem a sabedoria nem a memória dos homens; é incapaz de se livrar e de se defender sozinha; e precisa da intervenção do seu autor. E também, os escritos são mais semelhantes e, ainda, inferiores à própria pintura, pois o escrito, passando pelas mãos de todos, não é capaz de discernir entre aqueles que têm capacidade de lê-lo e daqueles que não tem (REALE, 1997, p. 56-57). A citação do *Fedro* fundamenta e faz compreender melhor a insustentabilidade do escrito.

As figuras pintadas têm atitudes de seres vivos mas, se alguém as interrogar, manter-se-ão silenciosas, o mesmo acontece com os discursos: falam das coisas como se estivessem vivas, mas, se alguém os interroga, no intuito de obter um esclarecimento, limitam-se em repetir sempre a mesma coisa. Mais: uma vez escrito, um discurso chega a toda parte, tanto os que o entendem como aos que não podem compreendê-lo, e, assim, nunca se chega a saber a quem serve e a quem não serve. (PLATÃO, 2000, p. 123)

A segunda parte dessa citação demonstra a resolução de um problema que pode parecer, à primeira vista, sem solução: Como considerar legítima uma teoria que nasce da proibição do próprio formulador? Com efeito, Platão não falou sobre a impossibilidade de escrever as coisas de maior valor, mas seria inútil e danoso escreve-las e deixá-las à disposição de todos, ou seja, na mão de pessoas sem uma preparação filosófico-matemática exigida pela Academia de Platão. Seria o escrito, então, útil para poucos e inútil para a maioria dos homens. Platão mesmo poderia ter feito isso, e da melhor forma, mas não o fez pelos motivos já apresentados (REALE, 1997, p.75).

Ademais, Reale demonstra que as “Doutrinas não escritas” não diminuem

em nada os diálogos escritos, mas auxiliam e apoiam para uma melhor compreensão dos mesmos. As “Doutrinas não escritas” representam um incremento e, diferente dos escritos, faz chegar ao cimo do pensamento platônico (REALE, 1997, p.87-88). O filósofo brasileiro Lima Vaz, apresenta também este feito:

Os partidários do “novo paradigma” pensam, por sua vez, que as doutrinas transmitidas no ensinamento oral e que Platão se recusa a transmitir por escrito (agrapha dogmata), acompanham, de fato, todo o arco de atividade de Platão, desde os primeiros diálogos, dito “aporéticos”. (VAZ, 1996, p. 401)

86 Sendo assim, a partir das “Doutrinas não escritas” pode-se encontrar respostas às várias lacunas deixadas em aberto pelo próprio filósofo. Muitos são os pontos a serem analisados e dentre estes será destacado os princípios supremos do Uno e da Díade. Princípios que sem os quais a metafísica platônica não encontra sentido total e, como também, não se chega ao verdadeiro ensinamento voltado aos discípulos de Platão que influenciou toda a metafísica neoplatônica.

[...] os estudiosos temeram que se atribuísse a Platão uma “doutrina secreta” e acreditaram em poder livrá-lo dela apenas lhe negando uma teoria dos princípios. Ou construíram a dificuldade artificial de que, na sua posição de uma teoria não-escrita dos princípios, seria preciso supor também que Platão tinha dois campos diferentes em sua filosofia, um para a atividade filosófica escrita e outro para a oral. Essa objeção não compreende bem a relação entre oralidade e escrita em Platão: não se trata de dois diferentes campos de objetos, mas de um contínuo filosofar sobre os mesmos problemas com uma elevação gradual do nível argumentativo. (SZLÉZAK, 2005, p. 105-106)

Por fim, não se pode querer tentar sistematizar Platão sem fazer um aprofundamento as ditas “Doutrinas não escritas”. Graças aos discípulos já mencionados, pode-se hoje pensar em um Platão mais completo em sua metafísica. As “Doutrinas não escritas” são a chave de leitura que faltava para compreender o grande filósofo grego. E como tudo parte da unidade para explicar a multiplicidade das coisas, dá-se a continuidade desses primeiros princípios do Uno e da Díade.

### 3. UNO E A DÍADE NA RELAÇÃO COM A PLURALIDADE

A Teoria das Ideias, para Platão, são realidades inteligíveis, incorpóreas, puro ser das coisas, imutáveis em si e por si, e unitária. Esta última deve-se particular atenção pelo fato de que cada ideia é uma unidade que explica todas as coisas sensíveis e isto requer a atenção natural de um verdadeiro filósofo (REALE, 1997, p. 136). O próprio Platão afirma no texto *A República* que o verdadeiro conhecimento consiste em saber unificar a multiplicidade.

É nesse ponto que eu estabeleço a distinção: para um lado os que ainda agora referiste – amadores de espetáculos, amigos das artes e homens de acção – e para outros aqueles de quem estamos a tratar, os únicos que com razão podem chamar-se filósofos. (PLATÃO, 1987, p. 257)

Por isso, aqueles que ficam somente ligados ao que é sensível nada conhecem sobre a unidade na multiplicidade sem poder resolver a origem das coisas universais. É a luz das “Doutrinas não escritas” que se alcança a unidade da ontologia das ideias na sua unidade mais singular e indivisível. Somente pela Teoria das Ideias não se resolve os problemas da unidade.

As Ideias resolvem um grupo de notáveis problemas, como vimos, mas elas mesmas põem outros e mais complexos. Um primeiro grupo desses problemas é levantado pela *própria multiplicidade das Ideias*. De fato, cada Ideia é “uma”, mas no seu conjunto as Ideias são “muitas”. Se é assim, que relações elas têm entre si? Existe um princípio do qual todas dependam? (REALE, 1997, p. 145)

Aristóteles, na sua *Metafísica*, tratando sobre a doutrina das causas, reafirma com a máxima clareza a explicação da doutrina que Platão se utilizou para a formulação dos dois níveis metafísicos em resposta a pluralidade das Ideias.

Tal é, pois, a conclusão de Platão sobre as questões que indagamos. É evidente pelo que precede, que ele somente se serviu de duas causas: da do “que é” e da que é segundo a matéria, sendo as ideias a causa do que é para os sensíveis, e o uno para as ideias. E qual a matéria subjacente, segundo a qual as ideias são predicadas nos sensíveis e o uno nas ideias? É a díada, o grande e o pequeno. (ARISTÓTELES, 1973, p. 225)

As “Doutrinas não escritas” proporcionam ver que Platão, oralmente e estritamente, foi além da Teoria das Ideias e chegou à explicação dos Princípios Supremos que estão em relação às Ideias, em segundo nível. Neste segundo nível chamou de Uno como princípio supremo de todas as Ideias e Díade como intermediário entre o Uno e as Ideias.

A Díade não é o número dois, mas ela se expressa como sendo duas diferenças indeterminadas. Também, o Uno não é obviamente o número um. Ambos possuem estatura metafísica, e assim, são metamatemáticos. A Díade é também referida à propriedade de infinita ou indefinida, pelo fato de que sua qualificação dualista de grande e pequeno, muito e pouco, mais e menos, está na sua estrutura.

O Uno, sendo considerado superior ao ser, acarreta mais um problema devido a sua existência em si, ou seja, separado das outras coisas, sendo assim, inconcebível. Platão teve que criar a Díade na relação com o Uno, participando com a multiplicidade, para aceitarem sua teoria. Portanto, não se tem mais um único primeiro princípio, mas dois princípios primeiros (REALE, 1997, p.163). Reale utiliza de termos que ajudam a compreensão da identidade destes dois princípios.

A ação do Uno sobre a Díade é uma espécie de *de-limitação, de-terminação* e *de-finição* do ilimitado, do indefinido, ou, como parece que o próprio Platão já dizia, de *igualização do desigual*. Os entes que derivam da atividade do Uno sobre a Díade são, portanto, uma espécie de síntese que se manifesta como unidade-na-multiplicidade, que é uma *de-finição* e *de-terminação* do indefinido e indeterminado. (REALE, 1997, p. 165)

Porfírio atesta que Dercílides, no livro IX da sua *Filosofia de Platão*, cita um texto de Heródoto, amigo de Platão, dizendo que o mestre usou uma terminologia técnica, mesmo não expressamente utilizada por ele, denominando a Díade uma espécie de “matéria inteligível”. Ademais, o nascimento dos entes é provocado pela ação do Uno que determina o princípio oposto da Díade. A Díade, tendo infinitas possibilidades daquilo que é por demais e daquilo que falta, recebe, na relação com o Uno, um impulso que acarreta o nascimento de um ente determinado na sua forma material e apresentado tanto no mundo sensível, como no mundo inteligível (REALE, 1997, p. 164).

Marcelo Perine escreveu um artigo falando sobre a doutrina dos princípios, em sua relação e na relação com os múltiplos.

Ora, a tradição indireta nos informa que Platão justificava a multiplicidade em função dos princípios do Uno e da Díade indefinida de grande e pequeno. Um testemunho de Proclo, no seu Comentário ao Parmênides, cita uma declaração de Espeusipo sobre a doutrina platônica dos princípios, dando a entender claramente que para Platão a Díade indefinida é o autêntico princípio de individualização, a causa do múltiplo e, portanto, da geração das coisas individuais a partir do Uno. (PERINE, 2011, p. 164)

Sem o conhecimento do Uno, garantido pelas “Doutrinas não escritas”, não se poderia chegar à compreensão das infinitas coisas múltiplas. E sem o consentimento do Uno com a Díade, nada sendo unitário teria perfeita comunhão com as Ideias, em seu primeiro nível, e com as coisas sensíveis.

O assunto do Uno e da Díade é, assim, fundamental na discussão entre Platão, seus discípulos e toda aquela geração próxima à Academia platônica.

Ainda muito próximo daquela geração, Teofrasto (Metaph. 6a15-6b17 Usener) refere uma divergência de interpretação na quaestio Uno -Díade entre Xenócrates e Espeusipo, o que permite deduzir que esse seria um assunto fulcral nas discussões entre os primeiros discípulos de Platão. (LOPES; CORNELLI, 2016, p. 266)

O Uno e a Díade são fundamentais na compreensão total da realidade e fazem com que as Ideias, que são realidades metafísicas, sejam estruturalmente conexas com todos os fenômenos em toda a história do universo. Estes dois princípios ordenam a harmonia e a formação de todo o Cosmos, contendo o princípio de multiplicidade na sua gradação e desordem. Atuam perfeitamente ao esqueleto mitológico que Platão utiliza em seu senso mítico da realidade (XAVIER; TANNÚS, 2007, p. 60).

Para fechar a análise destes dois primeiros princípios é fulcral a explicação e a apresentação dos quais seriam, então, os primeiros entes provindos deles. Reale demonstra que os números do qual ele se ocupa não são os números matemáticos, mas os números ideias, ou seja, os metafísicos. O número Dois como essência de dualidade, o Três como essência de trinalidade e assim por diante. Os números ideais são a essência dos números matemáticos e como tais não podem ser submetidos a operações aritméticas, por representarem a essência dos números e não fazer sentido somar a essência do Dois com a essência do Três. Portanto, os números são supremos modelos ideais e são os

primeiros entes gerados pela ação do Uno sobre a Díade. O número dois, por exemplo, implica o dobro e a metade, ou seja, uma relação intrínseca entre uma quantidade que é dupla (Dois) e uma metade (Uno). Os números ideais são apresentados como “princípios gerados” (REALE, 1997, p. 167-168).

Finalmente, chega-se a conclusão de que o Uno, mesmo sendo superior a Díade, não teria eficácia produtiva sem a Díade. De fato, seria errado falar em dois princípios para não cair em dois no sentido numérico. Logo, a dependência de um sobre o outro é intrínseca. Um exige estruturalmente o outro, preservando, assim, a unidade do Uno e a relação da Díade com a multiplicidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

90

Giovanni Reale fez o que muitos acharam quase impossível. Ele reuniu, com muita propriedade, os novos estudos platônicos e contribuiu, também, para a compreensão do mesmo. Para Reale, Platão é um pensador que ainda está sendo possível extrair novas contribuições, sem excluir o que já fora dito.

A novidade está, então, na eficaz contribuição oferecida pelos próprios discípulos de Platão que ajudam na composição de toda filosofia do mestre. As “Doutrinas não escritas” são, como já provado, um novo paradigma que consegue resolver às fendas e matar as charadas deixadas pelo escrito platônico.

O objetivo último de analisar o Uno e a Díade tem seu fundamento nas teorias subsequentes a Platão. O Uno e a Díade são os primeiros e únicos princípios que representam o topo do pensamento platônico e sem o qual as teorias dos neoplatônicos estariam desprovidas de fundamentação.

Marcelo Perine afirma que o fato de a doutrina dos princípios não ter sido escrito por Platão, não tem relação com a falta de um amadurecimento suficiente da própria teoria, mas por estar fora de um alcance munido de provas e de investigações da época vigente (PERINE, 2011, p. 157).

No Brasil, esse novo modo de entender as teorias de Platão ainda está ganhando espaço, mas aos poucos esse novo e único paradigma platônico chegará às universidades e contribuirá para o modo como fazemos filosofia.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. **Aristóteles**. Tradução de Vincenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5. ed. Tradução de Beatriz Vianna Bocira e Nelson Bocira. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LOPES, Rodolfo; CORNELLI, Gabriele. As chamadas Doutrinas não-escritas de Platão: algumas anotações sobre a historiografia do problema desde as origens até nossos dias. **Archai**, Brasília, v. 1, n. 18, p. 259-281, set./dez. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Douglas/Downloads/20010-63820-1-PB.pdf> Acesso em: 25 mai. 2017.

PERINE, Marcelo. O Filebo de Platão e as Doutrinas não escritas. **Educação e Filosofia Uberlândia**, Uberlândia, v. 25, n. 49, p. 149-171, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/13340/7630>> Acesso em: 18/06/2017.

PLATÃO. **Fedro ou Da Beleza**. Tradução de Pinharanda Gomes. 6. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

\_\_\_\_\_. **República**. Tradução de Maria Helena da Rocha. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

REALE, Giovanni. **Para uma nova Interpretação de Platão**. Tradução de Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SZLÉZAK, Thomas Alexander. **Ler Platão**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2005.

TRABATTONI, Franco. **Oralidade e Escrita em Platão**. Tradução de Fernando Eduardo de Barros Rey Peunte e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial e UESC, 2003.

VAZ, Henrique C. Lima. A nova imagem de Platão. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 23, n. 74, p. 399-404, 1996. Disponível em: <file:///C:/Users/Douglas/Downloads/983-3730-1-PB.pdf> Acesso em: 19/05/2017.

XAVIER, Dennys Garcia; TANNÚS, Marcio Chaves. O “Estado Ideal” à luz de uma evolução histórica em Platão. **Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade**, Campinas, v. 1, n. 24, p.53-71, jul. 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Douglas/Downloads/800-2187-1-SM.pdf> Acesso em: 09/06/2017.

